

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

JOSIEUNA KATHARINE LIMA SANTOS DE CERQUEIRA

**A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º**

**ARACAJU – SE
2014**

JOSIEUNA KATHARINE LIMA SANTOS DE CERQUEIRA

**A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º**

Artigo científico apresentado à
Faculdade Amadeus como trabalho de
conclusão de curso e requisito básico
para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia

Orientador: Prof. Msc. Priscila Randow

**ARACAJU – SE
2014**

JOSIEUNA KATHARINE LIMA SANTOS DE CERQUEIRA

**A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º**

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Prof. Ma. Priscila Christina Borges Dias Randow

Prof. Esp. Veralúcia Lima de Melo

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de _____

A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º

Josieuna Katharine Lima Santos de Cerqueira¹

RESUMO

A literatura infantil é essencial no incentivo e constituição do hábito de leitura na Educação Infantil. É devido essa importância que se questiona na pesquisa: Qual a importância da leitura como instrumento de desenvolvimento cognitivo na educação infantil? Quais as razões da ausência da prática da leitura em sala de aula? Como transformar a leitura em uma prática prazerosa para as crianças? Neste sentido o artigo teve como objetivo geral descrever as razões pelas quais os professores de educação infantil devem desenvolver o hábito da leitura na criança, praticando diariamente e levando em conta a ludicidade e o prazer que a leitura proporciona nas atividades em sala de aula. Para isso, o estudo foi de natureza exploratória através da pesquisa bibliográfica. No âmbito escolar, a literatura infantil torna-se um grande recurso a ser trabalhado pelo docente, principalmente de forma lúdica, pois influi diretamente na vida escolar dos educandos e dos conhecimentos a serem adquiridos. Conclui-se assim, que a literatura infantil é um recurso didático-pedagógico que deve sempre estar presente no projeto pedagógico da escola, uma vez que a mesma é um instrumento que motiva e integra, além de contribuir bastante com a prática docente e facilitar o desenvolvimento cognitivo dos educandos, além de ser um excelente parceiro na formação dos leitores, no trabalho em grupo, no estímulo do imaginário e da fantasia, exercendo funções primordiais para contribuição da aquisição do hábito da leitura.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Ensino. Método.

ABSTRACT

The children's literature is essential in encouraging and constitution of the habit of reading in kindergarten. It is because of this importance to the research questions: What is the importance of reading as a cognitive tool for development in early childhood education? What are the reasons for the lack of reading practice in the classroom? How to turn reading into a pleasurable practice for children? In this sense the article aimed to describe the reasons why the preschool teachers should develop the habit of reading in children, practicing daily and taking into account the playfulness and pleasure that reading provides the activities in the classroom. For this, the study was exploratory in nature through literature. In schools, children's literature becomes a great asset to be worked by the teacher, especially in a playful way, because directly influences the school life of students and knowledge to be acquired. It is therefore concluded that children's literature is a didactic and pedagogical tool must always be present in the school pedagogical project, since it is an instrument that motivates and integrates, in

¹Graduanda da Faculdade Amadeus do curso de Pedagogia. E-mail: Kathy_lsc@hotmail.com

addition to contributing enough to the teaching practice and facilitate cognitive development of students as well as being an excellent partner in the formation of readers, in group work, in the imagination and fantasy of the stimulus, performing essential functions for acquiring the habit of reading contribution.

Keywords: Reading. Learning. Leaching. Method.

1 INTRODUÇÃO

Para conceituar leitura, primeiro fala-se sempre da alfabetização. O analfabeto é aquele que não aprendeu a ler e os iletrados são aqueles que aprenderam a ler mais sem sucesso, não sabem utilizar a leitura, em consequência, não tem o hábito de ler, eles soletram, porém não entendem. A aprendizagem da leitura não é finita, aprendemos a ler na medida em que lemos e vivemos a leitura, sendo esta vista como auxiliadora para o desenvolvimento da sua capacidade cognitiva.

Nesse sentido, ler é ter acesso à cultura ou, saber ler é entender a mensagem escrita. A primeira é ampla e a segunda definição é funcionalista, onde saber ler permite ao leitor entender a receita do bolo, a bula do remédio, o problema de matemática, a legenda do filme, o itinerário do ônibus, a história da Mônica. Mesmo que alguns conhecimentos lhe faltem, uma pessoa que sabe ler vai saber do que se trata.

Na verdade decifrar é só uma fase da aprendizagem. A vida cotidiana exige cada vez mais das pessoas que entendam o que leem, tanto no âmbito profissional, como na vida escolar ou cotidiana, o essencial não é que a pessoa seja alfabetizada, é que ela saiba reagir adequadamente às instruções ou informações que ela lê.

Com base nessa problemática seguem-se os questionamentos: Qual a importância da leitura como instrumento de desenvolvimento cognitivo na educação infantil? Quais as razões da ausência da prática da leitura em sala de aula? Como transformar a leitura em uma prática prazerosa para as crianças?

Esses questionamentos são de grande relevância, fazendo com que a discussão deste tema seja pertinente. Neste sentido, o artigo tem como objetivo geral descrever as razões pelas quais os professores de educação infantil devem desenvolver o hábito da leitura na criança, praticando diariamente e levando em conta a ludicidade e o prazer que a leitura proporciona nas atividades em sala de aula. Como objetivos específicos podem-se citar: Entender a importância da leitura na vida do aluno;

Compreender a necessidade da inserção da leitura na vida estudantil do aluno; Identificar as razões da ausência da prática da leitura em sala de aula; Analisar os métodos de alfabetização referente ao processo de ensino/aprendizagem do aluno; Buscar a relevância do uso das novas práticas de leitura.

Aprender a ler não se compara a nenhum outro aprendizado e abre as portas para outros conhecimentos, é um passo cognitivo. Para alcançar os objetivos, o trabalho foi com o tipo de abordagem qualitativo e teve como o objetivo a pesquisa de natureza exploratória. O procedimento técnico utilizado para a coleta de dados foi da pesquisa bibliográfica, a partir de material já elaborado, composto principalmente de livros, revistas e artigos científicos, como afirma Gil (1991).

Este tema é de grande relevância, pois é de suma importância que seja trabalhado a leitura nas escolas públicas do ensino fundamental, tendo em vista que as séries iniciais são a base para o desenvolvimento intelectual da criança, observando-se que os professores, formados pelo ensino superior, são instruídos a levar a prática da leitura para a sala de aula, estão deixando de lado essas práticas, o que tem prejudicado seu aluno na vida estudantil.

A análise dos dados foi realizada a partir de uma leitura inicial da literatura encontrada e posteriormente uma discussão crítica acerca do tema, a fim de investigar as várias concepções e consensos a que os autores atingiram sobre as razões pelas quais os professores do ensino fundamental em escolas públicas estão deixando de lado as práticas de ensino da leitura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O PCN e a importância da leitura na vida do aluno

O PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) da língua portuguesa coloca a questão do fracasso escolar fator atribuído à leitura e à escrita. Enfatiza a dificuldade que os universitários têm em compreender os textos propostos para a leitura e organizar as ideias por escrito de forma legível, levando as instituições a mudar o seu método das provas, passando de prova de múltipla escolha para as dissertativas, aumentando o peso da prova de redação, dando a ela caráter eliminatório, fazendo com que dessa forma os alunos se empenhem mais com a leitura. Também devido a esse fracasso escolar foi

vista a necessidade de reestruturar o ensino da língua portuguesa, objetivando formas de garantir a aprendizagem da leitura e da escrita.

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série. Por outro lado, a dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e organizar ideias por escrito de forma legível levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentar o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório. Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita (BRASIL, 1997, p. 146).

De acordo com o PCN, para aprender a ler e a escrever o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual. A razão de ser das propostas de leitura e escrita é a expressão e a comunicação por meio de textos e não a avaliação da correção do produto, em que as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre linguagem para poderem compreender e utilizar adequadamente.

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justo no momento em que o aluno é introduzido no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando de alguma forma melhoram a vida através da leitura. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê e que possa aprender a ler também o que não está escrito.

Para o PCN, a leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino, para ser um objeto de aprendizagem e é necessário que faça sentido para o aluno. A atividade de leitura tem que responder seu ponto de vista com objetivos de realização imediata e para isso deve-se trabalhar com a diversidade de textos e modalidades que caracterizam a leitura.

É necessário também organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola, principalmente quando eles não têm contato com bons

materiais. Por isso é imprescindível a oferta de materiais de qualidade, principalmente nessa fase inicial, para que a prática da leitura dentro dos fundamentos do processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma eficaz.

Nesse sentido, percebe-se que o domínio da leitura se mostra cada vez mais fundamental e evidente na vida das pessoas. É por isso que a problemática estudada foi referente ao processo ensino/aprendizagem no domínio da leitura, referente aos métodos de alfabetização.

Não é pretensão desta pesquisa criticá-los, mas sim observar se os professores estão articulando a aprendizagem da leitura com o seu significado e com a sua utilidade social, levando o aluno a entender o mundo a seu redor, usando jornal, as histórias, uma receita, uma carta, vídeo, poesias, rótulos, fazendo o aluno perceber a relação e o sentido do mundo através da leitura.

2.2 A leitura e sua importância no processo de ensino/aprendizagem do aluno

Em seu livro *Alfabetização e Linguística*, Cagliari (2005) afirma que “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que escrever, o melhor que uma escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura” (p. 148).

Em seu livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, Paulo Freire (1989) mostra a importância da leitura, e como deve ocorrer a aquisição dela, afirmando que a leitura deve ser transformada na prática consciente. Ele diz que:

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura dessas implica a continuidade da leitura daquele, que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (p. 20).

De acordo com Lajolo (1994), em seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode e não deve encerrar-se nela, a prática de leitura feita nas escolas precisa acontecer num espaço de maior liberdade possível (p. 11).

Para a escola, a leitura é uma das fontes principais do desenvolvimento intelectual e cognitivo do estudante. Sua prática tem se diferenciado de escola para escola, de professor para professor de tal forma que estudos apontam a necessidade de investigar cuidadosamente o estado em que anda o processo de aquisição de leitura na escola.

2.3 As razões da ausência da prática de leitura em sala de aula e o uso de novas práticas

Autores como Luiz Carlos Cagliari (2005), Paulo Freire (1989), e José Juvêncio Barbosa (1992), apontam os avanços nos estudos sobre a aprendizagem da leitura e alfabetização, envolvendo a realidade dos alunos em sala de aula, e, assim fazendo com que aprendam a ler e entender os textos de forma significativa, associando a sua utilidade social. Então porque existem professores que não estão associando essas práticas de ensino em seu trabalho docente?

As pesquisas realizadas em torno desse aprendizado são numerosas, pesquisadores tentam cada vez mais entender o que acontece no processo ensino/aprendizagem, tal como teses em doutorado, como a de Sylvie Delacours Lins (1998). Ela relata que:

Como psicopedagoga, muitos anos reeducando crianças que não conseguiam aprender a ler, fiquei sempre inquieta com a falta de motivação, ou com as motivações, às vezes bizarras, das crianças. A maior parte pensava que tinha que aprender a ler para ser aprovada na primeira série, para agradar a família, porque tinha que obedecer a professora, para ser um bom menino e etc (p. 131-138).

Para Marisa Lajolo (1994),

ler, no entanto é essencial e no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade da leitura essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contrato de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documento na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial (p. 25).

Embora os professores vejam que a leitura é o caminho, muitos ainda estão acomodados, usando a leitura apenas como parte do conteúdo ou cronograma escolar, prejudicando seu aluno na vida estudantil, e estes por serem os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores, o professor

precisa gostar de ler, ler muito e envolver-se com o que lê, passando isso para os seus alunos sendo o modelo a eles seguir.

Segundo Machado e Moreira (2001), em seu artigo *Avaliação do interesse e o desempenho da criança na leitura* diz:

[...] falam que as escolas têm se empenhado no preparo da criança na leitura, mas a maioria dos professores tem responsabilizado a família pelo comportamento avesso da criança pela leitura, eles falam que é necessária uma boa formação em leitura para que esses professores possam identificar as dificuldades encontradas por essas crianças que gostam de ler (p. 131-138).

Estes autores falam que a diversificação dos materiais é relevante para o atendimento de todos os gostos das crianças numa mesma sala de aula, pois esse gosto é individual e o professor não pode querer uniformizar, e o importante na leitura inicial da criança é o atendimento de seu gosto para mais tarde esse gosto se transformar em interesse pela leitura.

Por quais razões em que os professores do ensino fundamental em escolas públicas estão deixando de lado essas práticas de ensino? Pois sabemos que todo método de alfabetização fundamenta-se numa visão de homem e sociedade.

Já que no campo investigativo da educação se acumulou conhecimento que possibilita uma diversificação metodológica no ensino da leitura e escrita e se, por outro lado, cada vez mais os professores estão formados pelo ensino superior, por que esses métodos não são levados à prática no ensino fundamental das escolas públicas? O método que estão usando não está adequado? Por quê?

Hoje já se comenta muito sobre as novas práticas de leitura, mas essas novas práticas não saem do papel pelo menos para a maioria dos professores. Esses métodos atuais são mais evoluídos e libertadores que sugerem novas visões onde a aquisição da linguagem é um processo de construção de uma teoria, onde as crianças formulam hipóteses sobre as regras, métodos que ajudariam bastante a aquisição da leitura.

Cagliari (2005) fala que:

a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação é decorrente de problemas de leitura, e também fala que ensinar as crianças no seu próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores (p. 76).

Desta forma, mostra que a escola é responsável pelas dificuldades que os alunos encontram na leitura, e mostra também que esse método de ensinar as crianças a ler forma bons leitores.

Esse aspecto também é tratado por Paulo Freire (1989), quando ele fala que “a leitura da palavra precede a leitura do mundo, ele também fala que a memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto” (p. 75). Essa memorização relatada é um dos métodos mais tradicionais que existe e poderia ser renovado pelos métodos atuais já que estes usados não estão dando resultado, pois são métodos com uns sistemas fechados, autônomos, constituídos de componentes não relacionados entre si fragmentando todo o processo de aprendizagem. Por isso a leitura sofre essa grande deficiência, pois é decorrente dos métodos usados pelas escolas.

Segundo José Juvêncio Barbosa (1992):

Quando as crianças entram na escola elas ficam condicionadas a cartilha, sendo limitadas a uma técnica de leitura, ele fala que a cartilha não tem sentido algum e o aprendiz não tem outra escolha a não ser identificar sílabas e palavras, a cartilha qualifica o aprendiz como leitor de letras (p. 98).

Os professores não estão sabendo dar ênfase à prática da leitura? Isso é fato, pois o Brasil está cada vez mais se tornando um país sem leitores, e onde está o erro?

Cardoso e Ednir (2004), falam sobre o distanciamento entre o professor e a prática de leitura, fala também em aprimorar o diálogo entre a universidade e os professores alfabetizadores. Os professores, principalmente os mais experientes, possuem um conhecimento próprio sobre “como” fazer, e é necessário tirar proveito disso.

No livro *Ler e escrever muito prazer* de Cardoso e Ednir (2004), a professora Marialva fala que “não dá para separar teoria da prática. O professor que está em sala de aula tem que estar atualizado, pois quando ele tem informações, os preconceitos diminuem e ele passa a olhar seu trabalho de outro jeito” (p. 22).

Vemos que existe uma deficiência e que parte de algum lugar, se os professores são a chave para solucionar esses problemas então é onde deve ser revisto. Eles devem dar mais ênfase à leitura, criando meios que atraiam essas pessoas à leitura. Segundo Cagliari (2005), “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura, o melhor que uma escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura, sendo esta a extensão da escola na vida das pessoas” (p. 55).

Para Vygotsky (2001), é preciso que o educador descubra as formas mais adequadas de trabalho com seu grupo, sendo possível quando ele conhece os níveis reais e próximos de cada criança.

Sabe-se que todo método de leitura fundamenta-se numa visão de homem e sociedade, mas a escola continua culturalmente ultrapassada, usando métodos com sistema fechado, fragmentando todo processo de aprendizagem.

A escola vê o aluno como ser passivo, mecânico, repetitivo e imitativo. Existe uma separação bem clara entre sujeito e objeto do conhecimento, prevalecendo um instrumento alienador e controlador, adequando o indivíduo a uma ordem social, política e econômica.

Em suma, há um avanço da cultura tecnocientífica que está dominando o mundo contemporâneo, enfatizando a necessidade de cidadãos em condições intelectuais de participar como parte atuante desse processo de modernização, ao mesmo tempo existe uma necessidade de rever os métodos de leitura, pois já existem estudos de métodos mais evoluídos e libertador, que sugerem novas visões, onde “a aquisição da linguagem é um processo de construção de uma teoria implícita, onde as crianças formulam hipóteses sobre as regras, governando a estrutura linguística das sentenças que elas ouvem, testam e eliminam novas hipóteses” (KLEIMAN, 1989, p. 48). Desta maneira, a criança não imita um modelo, mas as novas interpretações e as demonstrações do ambiente.

A aquisição da linguagem é vista como um processo ativo de criação construtiva, e já não existe a separação entre o objeto de estudo e o aluno, sendo este chamado de método construtivista que deriva da teoria da psicogênese de Piaget, ampliada por Emília Ferrero, onde a criança tem papel ativo no processo de aprendizagem, por isso é capaz de aprender a partir da convivência com textos.

O desafio neste caso é estabelecer uma “negociação cognitiva”, a partir do que ela já sabe de suas hipóteses, das suas necessidades e do que é capaz de problematizar. Contrapondo os métodos fônicos que partem do princípio de que a escrita é um código a ser aprendido e assim propõem uma sucessão de passos para a codificação (escrita) e decodificação (leitura), impondo aos alunos pacotes prontos de aprendizagem. Não deixando de lado a importância de atividades que exijam da criança à reflexão sobre o som das palavras, existe uma importância na consciência fonológica, a questão em si é o método fônico, sobressaindo o construtivismo ao propor uma alfabetização contextualizada.

Cagliari (2005) fala:

a escola deve ensinar aos alunos a ler no seu próprio dialeto, e não no dialeto da escola, dando chance ao aluno de ler segundo sua variedade

de língua, inserir textos que façam com que as crianças se envolvam e se apaixonem pela leitura, que façam leitura no dialeto das crianças e progressivamente passem para o dialeto-padrão (p. 179).

Juvêncio Barbosa (1992), fala das novas técnicas que foram trazidas com a escola nova, os novos métodos e os benefícios da leitura no processo de alfabetização.

Beatriz Cardoso e Madza Ednir (2004) falam que:

em vez de começar pela diferença do “ba” e o “bó” as crianças comparam diversos textos, que é de extrema necessidade partir do que a criança já sabe, a criança aprende a ler e escrever por meio de situações que lhe são oferecidas, ela é um sujeito ativo do ponto de vista cognitivo, sendo ela que estabelece relações, assim constrói seu conhecimento, mas é preciso propor formas adequadas de intervir neste processo (p. 149).

Com a aplicação destes métodos de leitura, tende a torná-la prática diária na vida da criança, pois a leitura contribui muito para aquisição de conhecimentos e aprendizagem da criança.

2.4 A literatura e os estágios psicológicos da criança

Enquanto se desenvolve, os pequeninos passam por diferentes estágios psicológicos que necessitam de certa reserva, de respeito quanto ao gosto da criança na hora da escolha de livros nas atividades desenvolvidas em sala.

Esses estágios são independentes de sua idade, dessa forma Coelho (2002) afirma que, esses dependem também do amadurecimento psíquico, afetivo, intelectual, e do conhecimento e da facilidade ou dificuldade de domínio dos mecanismos da leitura. Neste contexto, faz-se necessário uma adequação dos livros didáticos a serem trabalhados em sala de aula, analisando-os pela ótica das diferentes etapas que a criança costuma passar. As categorias psicológicas referentes ao processo de leitura que direcionam o desenvolvimento psicológico da criança são: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico (COELHO, 2002).

O pré-leitor – é uma categoria centrada em duas fases: Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos). Fase em que a criança inicia o reconhecimento do mundo a sua volta, por meio do contato da afetividade e do tato. Por conta disso, a criança sente necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance.

Outro momento marcante desta fase é a aquisição da linguagem, fase em que a criança passa a dar nomes a tudo que encontra ao seu redor. A partir da ligação da

criança com o meio em que vive, é possível dar-lhes estímulos por meio da oferta de brinquedos, brincadeiras criativas, músicas infantis, figurinhas etc. Desta forma, ela pode divertir-se e nomear com o auxílio de um adulto, podendo relacionar e propiciar situações de leitura.

Segunda infância (a partir dos 2/3 anos) é o início do egocentrismo. Já está mais adaptada ao espaço físico e amplia suas capacidades intelectuais e motoras, além de demonstrar maior interesse pela comunicação verbalizada. Como seu interesse lúdico também cresce propiciar a brincadeira através da leitura, constitui-se por ser importante nesse processo além de significativo para a criança.

Sobre os livros a serem utilizados nesta fase Abramovich (1997) diz que, estes devem estar envolvidos por um contexto familiar, com predominância absoluta da imagem que deve sempre sugerir uma situação de aprendizagem. Não é aconselhável apresentar textos escritos sem ilustrações coloridas, uma vez que, é por meio da nomeação das coisas que a criança criará uma relação de mundo entre a realidade e o imaginário mundo do livro. Livros que em seu interior propõem humor, mistério e expectativas, são os mais indicados para se trabalhar com os pré-leitores.

A prática da repetição ou reiteração de elementos é conforme Coelho (2002) “favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado” (p. 34).

O leitor iniciante (a partir dos 6/7), início da apropriação da decodificação, ou seja, a criança começa a decifrar símbolos gráficos, de acordo com sua perceptividade, cabendo assim ao adulto desempenhar o papel de “agente estimulador”, pois ela encontra-se ainda em fase iniciante dessa decodificação, o que é fundamental.

Nessa fase os livros a serem trabalhados com a criança devem ter uma linguagem simples, de fácil interpretação e leitura, além de começo, meio e fim. As ilustrações devem ser predominantes perante o texto. Os personagens podem ser diversos: bichos, humanos, robôs, objetos falantes, desde que esteja especificando os traços de comportamentos, como bom e ruim, forte, fraco, feio, bonito. Historinhas humorísticas, ou sobre a luta do bem contra o mal, onde o bem vença, são coisas que certamente irão atrair o os pequenos leitores nesta fase.

Independentemente de se utilizar textos como contos de fadas ou do mundo cotidiano, segundo Coelho (2002) “eles devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir” (p. 35).

[...] os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com os livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiam a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros literários feito pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc; propiciando momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor (BRASIL, 1998, p.117-159).

O leitor em processo (a partir dos 8/9 anos), nesta fase a criança já se apropria da leitura. Tem pensamento mais desenvolvido, que permite a realização de operações mentais. O leitor desta fase é atraído por textos ilustrados em que haja humor, romance de conto de fadas e situações inesperadas.

A realidade e o imaginário também agradam ao leitor mirim. Comunicação direta e objetiva, textos e imagens simples, frases curtas e de fácil leitura, estes são outros fatores importantes. Coelho (2002) comenta que um texto deve conter ao menos uma situação de conflito, onde no final a solução do problema seja culminada, deixando assim o texto mais empolgante e divertido.

O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) nesta fase o leitor está equilibrando seus mecanismos da leitura. Sua capacidade de concentrar-se aumenta e ele torna-se capaz de entender melhor o mundo ao seu redor e o mundo expresso nos livros. De acordo com Coelho (2002) é nesta fase que a criança começa a desenvolver o “pensamento hipotético dedutivo” e a capacidade de distração. Este estágio é intitulado de pré-adolescência, fomenta transformações significativas no sujeito.

Cria-se na criança um sentimento de poder intrínseco, de enxergar um ser inteligente, reflexivo, capaz de solucionar todos os problemas sozinhos. Trazendo a toma uma espécie de egocentrismo infantil, pois da mesma forma que acontece com a criança nesta fase, o pré-adolescente pode apresentar certo desequilíbrio com o ambiente em que vive.

Segundo Coelho (2003) “Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivências que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + o mundo em harmonia dinâmica)” (p. 8-9).

O leitor fluente se atrai por histórias que apresentam valores éticos, políticos, heroicos, de luta por um ideal. Familiarizam-se com textos que valem sobre jovens que buscam espaços no meio em que vivem, seja em grupos, equipe, etc..

É adequado ofertar a esse tipo de leitor histórias com linguagens mais elaboradas. As imagens já não são tão importantes nos processos de aquisição da leitura, entretanto, ainda podem ser um elemento de forte atratividade.

O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) o aluno geralmente já tem total domínio da leitura e da linguagem escrita. A capacidade de raciocínio aumenta, permitindo que ele intertextualize. Desenvolve gradualmente o pensamento crítico, reflexivo, e sua visão de mundo, de forma consciente.

Sentimentos de como saber fazer, sobre por saber, e poder são contextos que permeiam o adolescente. O dia-a-dia do leitor crítico com texto literário, conforme Coelho (2002) “deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura” (p. 40).

O leitor crítico apesar de seu desenvolvimento continua a se interessar pelas literaturas da faz anterior, contudo, é preciso que ele tome posse dos conceitos básicos da teoria literária. Conforme Coelho (2002) “a literatura é considerada a arte da linguagem e como qualquer arte exige uma iniciação. Assim, há certos conhecimentos a respeito da literatura que não podem ser ignorados pelo leitor crítico” (p. 40).

2.5 A Ludicidade e sua proposta para o trabalho literário.

O brincar é um ato que faz parte da vida cotidiana da criança. Quanto mais elas estudam por meio do lúdico, mais elas aprendem, pois se permitem conhecer melhor o ambiente e o objeto de sua diversão. Desta forma, descontraidamente ampliam o mundo do saber, e conseqüentemente sua cognição.

Segundo Piaget (1989), o processo de aquisição do conhecimento dos educandos da educação infantil, tem seu início desde pequeninos, através da exploração de objetos, na prática das ações desses objetos. Por conta desses fatores e outros já citados, é que o contato com os livros desde a infância é muito importante, até por que contribui para a formação de novos leitores.

Segundo Ferreira e Coelho (2001 *apud*, FIDELIS; TEMPEL, 2005):

[...] cognição da criança é expressa na autoaprendizagem através do ato de brincar o que resulta no desempenho de suas potencialidades,

habilidades e personalidade. Brincando se aprende, mas é necessário que o professor assuma responsabilidades, estabelecendo relações e direcionamentos que auxiliem no desenvolvimento de atitudes de respeito e de cooperação, aprimorando etapas do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor, percebendo-se capaz de vencer desafios ao vivenciar cada papel (p. 21-22).

Por meio da atividade lúdica a criança pode resolver conflitos, desenvolver linguagem e suas relações, realizações e reações pessoais.

Linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade em distintos momentos da sua história [...] é um sistema de signos histórico e social que possibilita o homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprender é aprender não só as palavras, mas, também, os seus significados culturais (BRASIL, 1997).

A instituição que acomoda em seu núcleo a Educação Infantil deve ser um ambiente agradável, estimulante, afetuoso, interativo, que possibilite e proporcione a troca de experiências entre a criança/crianças, criança/adulto, propiciando diversas atividades que valorize a fantasia e a criatividade desses educandos. Neste sentido, pode-se salientar algumas técnicas que agucem o interesse da leitura neles, tornando o local um ambiente alfabetizado.

Os cantinhos são essenciais neste processo, exemplos como: o cantinho da leitura, mágico, do faz de conta, do teatro de bonecos, dramatização, imitação, jogos, músicas etc. podem e muito contribuir no desenvolvimento cognitivo, perceptivo, psicológico, emocional, sensorial e motor e até mesmo cultural da criança. A criação desses cantinhos faz a criança construir o seu saber de forma divertida e significativa.

O brincar é fundamental porque através dele a criança pode traduzir a realidade além de contar suas próprias histórias, tornando-se um excelente recurso no processo de alfabetização. Pode-se com o brincar, voltar ao passado lembrando personagens marcantes da história, utilizando-se das lembranças e dos livros infantis.

Esses momentos eram de grande importância, pois sentíamos dentro da história, viajávamos pelo mundo dos seres que faziam parte dos relatos e a todo o momento aguçávamos nossa curiosidade enquanto que ao mesmo tempo aprendíamos sobre a cultura de outros povos, sobre os animais, sobre a flora, em fim ampliávamos o leque de saberes. Portanto, a leitura é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto [...] é uma atividade de exteriorizar o pensamento, [...] de assimilação do conhecimento, de interiorização, de reflexão (CAGLIARI, 2010, p.132).

As estratégias com as quais a literatura pode ser trabalhada de maneira lúdica são múltiplas. De acordo com Costa (2006), é possível gerar criatividade frente a brincadeiras que instiguem o amor pela leitura. A referida autora escreveu em seu livro cerca de cinquenta (50) sugestões didático-pedagógicas direcionadas. Para o desenvolvimento da leitura e da escrita nos âmbitos da sala de aula, propondo em cada atividade, objetivos especificados orientando a maneira de prepara-la para o professor desempenhar os exercícios com eficiência. É um livro com recursos e abordagens interessantes, abrangentes e inovadas, que são citados no intuito de enriquecer o saber pela leitura.

Propondo gamas de atividades ela fornece didáticas que possibilitam o aluno encontrar seu próprio estilo, e por meio deste, galgar seu próprio conhecimento. Nesta perspectiva é perceptível o respeito às potencialidades que cada educando carrega dentro de si, permitindo o despertar por meio do gosto pelo que faz.

A autora em questão, trabalha com a possibilidade do educador aproveitar as inteligências múltiplas dos seus alunos, possibilitando que os mesmos aprendam em conjunto, ficando ciente dos fenômenos que podem conhecer com as diferentes atividades da sala de aula.

Dentre as práticas sugeridas, pode-se citar o corpo, os cartazes, símbolos e signos, a música, a televisão, a paisagem, o tempo, os ditados populares, piadas, poesias, dramatização, fotografias, ouvir e contar histórias, desenhos individuais e coletivos, e-mails, karaokê, brinquedos, jogos e brincadeiras, etc [...] (COSTA, 2006, p. 13-15).

Essas propostas podem ser utilizadas como fonte de leitura e escrita, permitindo estimular e identificar a criatividade e a imaginação dos discentes além de compreender a respeito da abundância cultural presente em cada um, assim como a representação que criam em cima do mundo que o cerca.

2.6 A importância da literatura infantil enquanto recurso lúdico.

Através da literatura infantil a criança pode passar a despertar uma nova relação com mundo e com as diferentes emoções e visões que o mesmo proporciona, auxiliando desta forma, condições para desenvolvimento intelectual e a construção de princípios individuais.

Em contextualização a temática aqui abordada, pode-se dizer que a criança por meio da literatura infantil desempenha relevantemente seu potencial crítico-

reflexivo. Quanto mais qualificada for à literatura, mas a criança anseia pela capacidade de reflexão, do questionamento, aprende a ouvir e dar opiniões, e assim flexiona seu pensamento produtivamente. Segundo Bettelheim (1980):

[...] Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens á criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (p. 16).

Tais pressupostos além de interessantes são bastante intrigantes, pois, pode-se dizer que a criança quanto em contato com o mundo da literatura muda algumas de suas atitudes, e formas de pensar e agir. Muitas conseguem ter maior segurança de si mesma, principalmente na medida em que vai ganhando maior confiança para criar, imaginar, controlar suas emoções dentro do seu e de novos espaços.

No período infantil a literatura tem grande valor para as crianças, por que se caracteriza por ser uma fase privativa da imaginação e do faz de conta. Através dela a criança externaliza a sua realidade criando fantasias, utilizando-se de subterfúgios como o desenho, a dramatização, as brincadeiras e as histórias que ouvem, etc. expressam sua afetividade e desenvolvem seu intelecto executando a leitura e a releitura do universo onde vive, interpretando-o significativamente a partir da literatura infantil.

A criança para ser verdadeiramente criança, deve ter o direito de conviver com as criaturas produzidas por sua mente criadora, que serão muitas vezes seus companheiros mais amados e que lhe darão pela vida afora a convicção de que em algum lugar existe um mundo que não tem a monotonia e a desesperança do rotineiro. O sobrenatural da criança é uma região de liberdade, capaz de constante renovação e é por isso mesmo é fonte de esperança. Por isso a criança deve ter o direito de chegar até ele (DALLARI; KORKCZAK, p. 61 *apud* FIDELIS; TEMPEL, 2005, p. 54).

Levando-se em conta a citação acima, observa-se a necessidade de que o professor tenha como proposta o trabalho literário a partir dos primeiros anos escolaridade da criança, uma vez que nesta fase ela encontra-se na descoberta do mundo que a rodeia e utiliza sua imaginação a todo o momento para manifestar seu saberes e conhecimentos. Outra forma de que pode instigar o desenrolamento da criança é

propiciando instrumentos de diferentes esferas educacionais que estimulem essa imaginação, isso é essencial. Um desses caminhos agradáveis é um passeio pelos livros.

A ciência do professor em relação a importância das aplicações dos livros em sala de aula, é muito importante. E eles estão de fato bastante cientes do papel que o livro exerce no processo de aprendizagem do aluno, tanto que trocam ideias sobre a temática, levando proposta que façam diferença na triste realidade da falta pelo hábito e gosto da leitura visível nas escolas, mas o problema é que na sala de aula pouco se é feito para efetivação deste trabalho.

Em nosso país sabemos que muito pouco se lê [...] e em consequência disso temos pessoas mal preparadas na escrita e na colocação de suas opiniões. Isso acontece porque a criança não tem como prioridade o livro ou a leitura desde cedo. A criança não aprende a amar os livros e muito menos aprende a interpretar textos, já que não lê (FIDELIS; TEMPEL, 2005, p. 48)

Ouvir, contar e ler histórias para as crianças é uma brincadeira. Mas não se pode esquecer que nesse momento também acontece a aquisição do conhecimento de forma lúdica. A literatura é uma didática-pedagógica que permite que o professor ensine ao aluno a ler de forma correta, permitindo também, uma troca de social com a criança de conhecimentos que beneficiam a composição de um leitor crítico.

Desta forma, quanto mais “premature” o contato da criança com os livros, esta por sua vez aprenderá mais rapidamente o prazer pela leitura e seus encantos, e assim, a probabilidade dela torna-se um adulto leitor é bem maior. Desta forma é por meio da leitura que a criança adquire um caráter crítico-reflexivo, que é de extrema importância para sua formação cognitiva.

A criança quando está ouvindo ou lendo uma história, e por sua vez tem a capacidade de falar sobre o assunto, perguntar e duvidar, esta então, é uma forma dela realizar um intercambio verbal, que muitas vezes pode vir de encontro as noções de linguagem ocasionando um confronto de ideias e de pensamentos “complexos” em relação ao texto lido ou contado.

A literatura infantil é imprescindível na realidade do ensino-aprendizagem, portanto deve ser inserida para despertar na criança a magia que os livros trazem, o hábito por ler, além de aprender didaticamente e construir valores morais, despertando prazer, sentimento e principalmente expandindo o pensamento reflexivo e crítico.

Sendo assim, observa-se que, por meio do convívio com o texto literário a criança em seu processo de formação educacional tem acesso ao conhecimento de si mesmo, ambiente em que vive e convive e da vida sociocultural que a integra.

É por meio do convívio com o texto literário no processo de formação que o aluno passa a ter acesso ao conhecimento de si mesmo, do espaço que o circula e da vida sociocultural.

3 CONCLUSÃO

Desenvolver o hábito da leitura da literatura desde cedo é um processo que certamente pode iniciar em casa, aperfeiçoa-se na escola e que pode continuar pela vida toda, até por que existem muitos fatores que podem contribuir para esse interesse.

A criança que ouve histórias muito cedo, de fato, terá um contato direto e maior com os livros e seus estímulos pela leitura aflorados mais rápidos, e também terá um desenvolvimento vantajoso do seu vocabulário, assim como a aptidão para a leitura.

De acordo com Bamberguerd (2000), a criança com hábito tem uma leitura desenvolvida, se interessa por ler e aprende com maior facilidade, neste contexto, a criança com interesse pela leitura se transforma em um leitor hábil. Desta forma, é relevante afirmar que a capacidade de ler está intensamente unida a motivação. Infelizmente, os pais não se importam e não se dedicam no incentivo desta capacidade em seus filhos. Outro fator relevante, que auxilia de forma positiva no estímulo da leitura das crianças é o professor e o seu trabalho em sala de aula. Neste sentido, cabe ao professor desempenhar um importante papel na vida da criança: o de ensinar e gostar de ler.

O educador que introduz em seu ensino pequenas doses diárias de leitura lúdica, sem obrigatoriedade, mas sim, com naturalidade, despertará na criança o hábito da leitura que pode acompanhá-lo ao longo da vida.

O professor para desenvolver um programa de leitura adequado, equilibrado e eficaz, integrando os conteúdos referentes ao currículo e que ofereça certa diversidade de livros literários como, poesias, fábulas, contos, etc., é necessário que o mesmo analise por idade cronológica da criança e essencialmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra. De acordo com Sandroni e Machado (1998) “o equilíbrio de um programa de leitura depende muito mais do bom senso e da habilidade do professor que de uma hipotética e inexistente classe homogênea” (p. 23).

Sendo assim, as condições necessárias para desenvolver hábitos positivos de leitura no educando, devem-se incluir oportunidades de leitura de todas as maneiras possíveis. Frequentar livrarias, feiras de livros usados e bibliotecas são exemplos sugestivos que podem contribuir para o hábito permanente da leitura.

A internet é outro ponto, nesse mundo globalizado e tecnológico em que se vive atualmente, todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser compartilhados por meio de e-mails, cd's e dvd's, e assim, o livro está cada vez mais ausente na memória das crianças. E ainda existem aqueles que pensam que o livro é coisa do passado, que nesta era tecnológica ele não tem mais vez, ainda mais com os e-books online.

Mas, uma pessoa que tem conhecimento da fundamentalidade da literatura para a vida, pois uma história bem contada tem benefícios que nenhuma tecnologia pode trazer, proporcionando um prazer inimaginável e um mundo repleto de encantos.

O professor precisa acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro é um recurso prazeroso, e com isso encontrar meios que a criança compreenda isso, tudo está na relação prazerosa de conhecer os encantos que o livro proporciona. Enfim, a literatura infantil, é um campo de estudo crescente, pois exige do educador conhecimento no trato da escolha dos livros para as crianças, e no saber gerar momentos de prazer e estímulo para a leitura.

A partir da análise do que foi abordado, percebe-se que a literatura infantil é imprescindível no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da Educação Infantil, objetivando a necessidade de se trabalhar a leitura mais frequentemente no âmbito escolar.

Conclui-se assim, que a literatura infantil é um recurso didático-pedagógico que deve sempre está presente no projeto pedagógico da escola, uma vez que a mesma é um instrumento que motiva e integra, além de contribuir bastante com a prática docente e facilitar o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Contar histórias amplia a relação social da criança, pois possibilita maior comunicação e expressão, facilitando a integração do trabalho em grupo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

_____. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2010. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)

CARDOSO, Beatriz; EDNIR, Madza. **Ler e Escrever Muito Prazer!** São Paulo: Editora Ática, 2004.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil teoria, análise, didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. A importância da leitura e literatura infantil na formação das crianças e jovens. **Comunicação e cultura**. São Paulo, Ano 1, nº 1, p. 8-9, Abril/Maio 2003.

COSTA, Wilse Arena da. **50 sugestões didático-pedagógicas para o ensino da leitura e da escrita em sala de aula**. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2006.

FIDELIS, Sílvio Aparecido; TEMPEL, Mônica. **Educação infantil: uma proposta lúdica**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005. (Série educando com bom senso)

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: Em Três Artigos que se Completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

KLEIMAM, A. B. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. São Paulo: Editora Pontes, 1989.

LINS, Sylvie Delacours. Representações e Aprendizado da Leitura. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 20, n. 36, p. 131-138, 1998.

MACHADO, Rosélia Costa de Castro; MOREIRA, Rui Verlaine Oliveira. Avaliação do Interesse e do Desempenho da Criança na Leitura. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 22, v. 1, n. 4, p. 54-67, 2001.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 17. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul (Orgs.). **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem (1896-1934)**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2001.